

ESCOLA INTEGRAL COMO AGENTE SOCIAL

Letícia Vieira Pena¹

¹Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Ciências Gerenciais de Manhuaçu,
leticia_pena00@hotmail.com

Resumo- O artigo analisa e descreve as relações entre o tempo de escola e a qualidade do trabalho educativo que se realiza dentro dela, bem como o espaço físico escolar pode influenciar no alcance da real implementação do tempo integral, reconhecendo-se a relevância das relações usuário-ambiente como fundamentais para o aprendizado do aluno e, além disso, tem por objetivo entender a escola como um ambiente de integração e composição social. Foram analisados resultados da realidade de escolas no Brasil que fazem uso do tempo integral e descrito um estudo de caso de escola integral com um uso adequado do espaço físico. Analisou-se a implantação de todas as escolas públicas de tempo integral do município de Manhuaçu-MG, mediante avaliação do trabalho realizado em escolas municipais e estaduais, valendo-se de entrevistas e observações, com o intuito de identificar as interferências na rotina escolar, analisar os seus resultados, a realidade escolar e sua forma de inserção na sociedade. Os resultados alcançados com as entrevistas mostram que as escolas praticam experiências diferentes quanto às formas de ampliar a jornada, inteiramente adaptadas às suas realidades específicas e que a prática da escola pública de tempo integral só poderá ser viabilizada com enfrentamento das questões mais elementares do sistema de ensino, que estão por serem resolvidas, tais como as condições físicas e materiais das escolas.

Palavras-chave: Escola em Tempo Integral; Educação Integral; Espaços Educacionais; Diversidade.

Área do Conhecimento: Ciências Sociais Aplicadas.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, houve, por implantação do sistema integral de ensino público, apontamentos críticos com relação a essa tipologia escolar ser meramente solução para os problemas das comunidades pobres e ainda representar caráter eleitoreiro, o que, conseqüentemente, deixa a função principal da escola em segundo plano. Hoje, a implantação das escolas em tempo integral pelo governo desenvolve o papel de modificar o ensino das escolas tradicionais, tidas como uma escola que não se adequa ao desenvolvimento da sociedade atual. Porém, essa implantação é feita nas mesmas condições do passado, o que não dialoga corretamente, pelo fato dos princípios, horários e demandas desses dois tipos de escolas serem diferentes, impossibilitando o real funcionamento das expectativas dos usuários, famílias e até dos idealizadores da pedagogia (FERREIRA, 2007).

Sendo assim, o presente artigo, sob o tema “Escola Integral como agente social”, tem como desafio pensar em qual perfil de cidadão que se busca formar e quais conhecimentos, valores e habilidades são considerados essenciais nas diferentes propostas para a formação desse cidadão. Além disso, a escola integral pode ser esse ambiente que atende a essas propostas? Quais os acréscimos em termos de quantidade e qualidade, em relação a escolaridade já conseguida, a escola de tempo integral pode oferecer? É necessária, diante do contexto atual da educação, a revisão na concepção dos edifícios escolares públicos?

Como resposta à essas perguntas, Cavaliere (2009) define a escola de tempo integral e aluno em tempo integral como um fortalecimento da unidade escolar, que traz consigo mudanças em seu interior pela atribuição de novas tarefas, mais equipamentos e atividades diversificadas, articulando escola e instituições diversas, pretendendo propiciar experiências múltiplas e fora dos padrões da escola tradicional.

Sobre a relação da escola com a sociedade, Pereira e Vale (2013) entendem que abrir as portas da escola à comunidade é preencher de sentidos o que era distante, gerando identificação, reconhecimento e pertencimento para que os educandos possam tomar posse daquilo que a escola lhes oferece, criando redes de aprendizagem que lhes permita acessar novos e distintos conteúdos, porque aquele ambiente pertence a eles.

Quanto ao espaço físico escolar que atinge diretamente na aprendizagem, é preciso ter o cuidado e saber relacionar elementos que criam um ambiente adequado, confortável e estimulante para obter resultados significativos dos alunos. Além disso, precisa ser um lugar que atenda não só os alunos, mas também as famílias e a comunidade e, ainda, seja entendido como um local de pertencimento, prazer e suporte (KOWALTOWSKI, 2011).

Este artigo tem por objetivo entender a escola como um ambiente de integração e composição social e como o espaço físico escolar pode influenciar no alcance da real implementação da modalidade.

2 EDUCAÇÃO INTEGRAL NO BRASIL

Sancionado pela Presidência da República em 2014, o II Plano Nacional de Educação (PNE) traz um avanço para a Educação Integral, tornando essa modalidade da educação uma meta a ser atingida em todo o país. O PNE II, prevê na meta de número 6, a oferta de educação em tempo integral para no mínimo 50% das escolas públicas. (REIS, 2014).

A ampliação da jornada escolar para turno integral, de acordo com Reis (2014), permite que crianças e adolescentes permaneçam na escola o tempo necessário para concluir o ensino, eliminando assim, o analfabetismo, elevando gradativamente a escolaridade da população brasileira; essa reestrutura da escola para atender os novos desafios da sociedade, pode solucionar a universalização do ensino e minimizar a repetência. O atendimento em tempo integral, unindo orientação no cumprimento dos deveres escolares, prática de esportes, desenvolvimento de atividades artísticas e alimentação adequada, é um avanço significativo para diminuir as desigualdades sociais e ampliar democraticamente as oportunidades de aprendizagem.

Além dos marcos legais, Gonçalves (2014) destaca o programa Mais Educação, de 2007, que constitui como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral.

As escolas das redes públicas de ensino estaduais, municipais e do Distrito Federal fazem a adesão ao programa e, de acordo com o projeto educativo em curso, optam por desenvolver atividades nos macrocampos de acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica (MEC, 2007 apud GONÇALVES, 2014, p.20).

Como exemplo da prática do programa Mais Educação apresenta-se a seguir os resultados nas escolas municipais dentro da Rocinha, que também fazem parte do projeto Escolas do Amanhã.

No município do Rio de Janeiro, de acordo com Souza (2015), foi regulamentado em 2009 o programa Escolas do Amanhã, anunciado como uma experiência diferenciada, com o objetivo básico de oferecer a chamada educação integral a alunos de áreas consideradas de risco social. Isto é, o programa direciona-se a escolas localizadas em favelas ou que estejam próximas a essas regiões, identificadas como de grande violência e, por esse motivo, prejudiciais ao aprendizado dos alunos. Em resumo, o programa da Prefeitura pretende ampliar os limites das salas de aula das unidades escolares da Rede Pública Municipal, visando transformar as comunidades de seus entornos em ambientes de aprendizagem. Observa-se, nesse sentido, o princípio de que atividades para além da sala de aula são oferecidas aos alunos dessas escolas.

De fato, apesar dos poucos estudos empíricos sobre o Escolas do Amanhã, Souza (2015) explica que dados oficiais revelam índices, como o de evasão, foram reduzidos nessas unidades escolares, em comparação à rede como um todo. Outro ponto a ser destacado é o crescimento no Índice de Desenvolvimento da Educação no Rio de Janeiro (IDERIO). Contudo, os poucos estudos existentes evidenciam diversas fragilidades do programa. Em uma pesquisa realizada em 2012 pela autora, na unidade escolar da favela do Vidigal, Zona Sul do Rio de Janeiro, a falta de espaço físico para o andamento das oficinas, a rotatividade de oficinairos e, até mesmo, a falta deles e o acúmulo de funções da direção foram pontos frágeis observados.

Quanto às declarações em torno da escola de horário integral, Souza (2015) observou a defesa de uma educação que vise à formação integral do aluno e que este seja formado para a vida, não apenas a partir dos conteúdos escolares, mas também de conteúdos outros, capazes de formar o indivíduo como cidadão. Todavia, o que mais sobressaiu foram as afirmações de que a escola de tempo integral é eficiente, uma vez que é capaz de retirar o aluno das ruas, conceder tranquilidade aos pais para irem trabalhar, ou mesmo substituir o papel da família, suprimindo necessidades várias, inclusive relacionadas a afeto, atenção e alimentação.

Como o projeto Escolas do Amanhã perdeu força e abandonou muitas de suas iniciativas e práticas que permitiam o oferecimento de uma educação diferenciada às escolas localizadas em

áreas de favela, essa proposta está sendo substituída pela Escola Carioca de tempo Integral, associada à Fábrica de Escolas do Amanhã, em destaque em todas as comunicações da Secretaria Municipal de Educação. Esse novo programa foi implantado com o objetivo de qualificar ainda mais o ensino carioca e oferecer um aprendizado consistente, para que, até 2030, todas as unidades escolares da Secretaria Municipal de Educação atendam em turno de sete horas, seguindo o modelo dos países que mais avançaram em educação nas últimas décadas. Graças ao programa, 172 escolas já atendem em Tempo Integral, beneficiando 19,7% dos alunos da rede municipal. Nessas unidades, os alunos têm mais tempo de aula de português, matemática e Ciências. As Escolas de Tempo Integral também apresentaram aumento expressivo. No Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2013, os Anos Iniciais avançaram 17% em relação a 2009, enquanto que, nos Anos Finais, o crescimento foi ainda maior, alcançando os 51,4% (SOUZA, 2015).

3 ARQUITETURA ESCOLAR E A PRÁTICA PEDAGÓGICA

O usuário do edifício é o elemento ativo do contexto, é nele que as atenções devem estar focadas para se estabelecer as necessidades que a forma projetada deverá cumprir. As necessidades funcionais são expressas através dos requisitos de conforto ambiental, nos seus aspectos térmicos, acústicos, visuais e de funcionalidade, uma vez que constitui um dos elementos da arquitetura que mais influencia o bem-estar do homem. Deve-se identificar as características físicas, psicológicas e culturais do usuário, bem como suas atividades, desempenhadas no espaço a ser projetado e seus valores (KOWALTOWSKI, 2011).

Segundo Azevedo (2002), a produção de uma arquitetura escolar de boa qualidade está relacionada a diversos aspectos construtivos e arquitetônicos que promovem a melhor adequação e o desempenho dos ambientes que, por fim, têm a capacidade de interferir no bem-estar e no desenvolvimento do usuário, que são os seguintes: condições de desempenho dos espaços atrelados à sua funcionalidade, de acordo com as finalidades a que são destinados, sendo composto pela organização espacial, dimensionamento dos conjuntos funcionais, acessibilidade, percursos, segurança e adequação ergonômica do mobiliário; condições de desempenho dos ambientes associados à sua imagem e aparência, que consiste no caráter subjetivo da arquitetura, responsável pelas características que têm a capacidade de transmissão de mensagens e significados distintos aos usuários, resultando na estimulação dos sentidos destes, alcançado através de elementos visuais. Estão ligados à diversidade de texturas, cores, tipos de superfícies, padrão construtivo, formas, proporções, símbolos e princípios compositivos; e as características físicas da edificação, seu padrão construtivo, a qualidade dos materiais e acabamentos, assim como as características de conforto ambiental. Deseja-se, aqui, a utilização de elementos que irão garantir o conforto e a segurança dos usuários, através da utilização de materiais duráveis, resistentes e de manutenção prática, aliados a baixos custos para execução.

Sendo assim, Azevedo (2002) diz que diversas são as maneiras possíveis de manipulação de elementos arquitetônicos que permitirão a criação de espaços mais agradáveis, que irão contribuir com o processo de ensino, como espaços dimensionados atendendo à escala da criança resultam em um espaço mais acolhedor e convidativo, salas de aula integradas a espaços externos que também irão gerar ambientes menos rígidos, áreas que estimulem a interação em grupo dos usuários, assim como espaços voltados para a circulação tratados de forma dinâmica, passando a assumir o papel de ponto de encontro entre os alunos.

De acordo com Azevedo (2002), elementos que permitam o fortalecimento da identidade dos edifícios, especialmente quando se tratando de instituições escolares, contribuem para uma maior relação e identificação da comunidade na qual esses estão inseridos. Essa identificação da população com o espaço é especialmente importante se tratando de uma instituição pública, garantindo, com isso, a possibilidade de maior conservação do edifício e uma maior interação entre a comunidade e a instituição.

Quando a edificação é tratada para acentuar a interação entre o usuário e o ambiente, ela assume um papel mais participativo no processo pedagógico, uma vez que a interação com o espaço, gera a construção de imagens mentais, processo rico em significados, que se firma como um importante passo para o desenvolvimento do ensino (AZEVEDO, 2002).

Para o melhor desenvolvimento dessas relações, torna-se desejável que o ambiente escolar incite a imaginação e a curiosidade da criança, assim com as atividades que estimulem a coletividade. É necessário que se priorize o aspecto coletivo, que contempla a colaboração e a cooperação entre os usuários, que trabalhem em conjunto para o alcance de um consenso, contribuindo assim para o processo de construção de ideias; aliado a isso, o diálogo, o debate, os

jogos e a experimentação, que constituem em oportunidades para o desenvolvimento e a organização do pensamento (AZEVEDO, 2002).

O conhecimento do perfil dos alunos, funcionários, pais e membros da comunidade é importante para incorporar desejos e necessidades nas propostas, sempre vislumbrando a satisfação dos usuários em relação aos novos ambientes de trabalho e estudo, frutos deste processo participativo. A presença de vários agentes no processo de projeto pode gerar reflexão e interesse por parte dos usuários e configura um primeiro passo para futuras inovações e melhorias na arquitetura escolar. No caso das escolas públicas, é essencial refletir sobre a qualidade do ambiente construído para responder às demandas educacionais da sociedade brasileira (KOWALTOWSKI, 2011).

Na escola integral, segundo Pereira e Vale (2013), a sala de aula, além de ser um espaço acolhedor e seguro que propicie aos educandos a sensação de bem-estar, deve ser pensada didaticamente a fim de se ensinar inteiramente situações de aprendizagem e desenvolvimento, que capacitem aos educandos compreender e expressar o mundo utilizando as diferentes linguagens (verbal, matemática, artística, corporal, entre outras), à proporção que se reconheça o processo de ensino/aprendizagem como uma realidade multidimensional tanto cognitiva quanto afetiva. É preciso práticas de aprendizagem que estimulem o pensamento e a expressão de ideias, a fim de que o estudante possa ver-se estimulado e curioso para solucionar problemas e os resolver de maneira independente, procurando e selecionando informações.

Ainda segundo Pereira e Vale (2013), essa integralização se dá, também, mediante a articulação da escola com outros espaços públicos de aprendizagens, como parques, museus, igrejas, clubes, ONGs ou a espaços públicos diversos, a fim de se destituir a imagem de nicho que é comum às escolas, através de projetos e programas que busquem o resgate histórico, cultural e social que integrem a escola, a comunidade e seu entorno.

Compartilhando da mesma ideia, Zebini (2014) diz que o espaço da cidade pode complementar as lições da sala de aula. O traçado da rua pode ajudar na aula de geometria, a história do bairro na aula de história, as placas da rua nas aulas de português; as árvores, na aula de ciências, entre outras ideias. A educação integral considera a cidade como território educador, propondo a exploração de novos itinerários na ação educativa; coloca na mesma mesa os muitos saberes produzidos socialmente, mediados pelas questões contemporâneas. Produz aproximação e integração entre os diversos campos do conhecimento (artístico, linguístico, científico, ético, físico) articulados às vivências na escola, na família e na comunidade.

Esses requisitos de projeto podem então ser tratados de maneira a acentuar a relação usuário-ambiente. Assim, o espaço físico deixa de lado sua posição de neutralidade, que não compromete ou prejudica uma dinâmica educacional, para assumir um papel mais participativo nesse processo. Deseja-se que o prédio escolar além de abrigar confortavelmente seus usuários, fornecendo condições adequadas de segurança e de conforto ambiental, interaja com eles, participando de seu aprendizado (AZEVEDO, 2002).

4 METODOLOGIA

Na pesquisa foi adotada uma abordagem qualitativa, expondo fatos através dos estudos da pesquisa bibliográfica e do estudo de caso escolhido, que permitiu o entendimento das questões físicas do ambiente escolar. Ainda se caracteriza como exploratória, pois visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito e construir hipóteses, o que exige revisão da literatura, discussão com especialistas e outros procedimentos; e descritiva, pois visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis, segundo Gil (2008).

Os métodos de pesquisa utilizados foram referenciais bibliográficos sobre a nova realidade do ambiente escolar, legislação da implantação dos sistemas de escola integral, índices de melhorias sociais na implantação desse sistema na comunidade.

Foram feitas entrevistas semiestruturadas, afim de entender quais são as limitações no campo de trabalho atual nas escolas que funcionam em tempo integral. Tal tipo de entrevista oferece informações consistentes de modo a permitir descrever e compreender a lógica implícita ou não, que permeia as relações que se estabelecem no interior do espaço escolar; elas foram desenvolvidas no período de maio de 2016, com o objetivo principal de avaliar os resultados de implantação da escola integral na cidade de Manhuaçu, Minas Gerais.

Tais métodos foram escolhidos pela vantagem de permitir a cobertura de uma gama de fatos sobre a implantação da escola em tempo integral de forma ampla no decorrer do tempo até os dias atuais.

5 ESTUDO DE CASO

5.1 Colégio Pies Descalzos

O enorme colégio projetado por Giancarlo Mazzanti, em 2014, para a fundação Pies Descalzos no morro do Peye, na cidade de Cartagena, Colômbia, é um projeto arquitetônico e urbanístico com grande impacto social que se consolida como motor da mudança para os habitantes do bairro e de toda a cidade. Este projeto otimizou as condições de vida das pessoas, criando alternativas de desenvolvimento pessoal e comunitário. Ele iniciou a transformação do seu entorno e, ao mesmo tempo tornou-se um marco urbano, símbolo da cidade que cria sentimento de pertencimento e orgulho nos seus habitantes. O desenho desse colégio tem como fundamento o uso da maioria dos conceitos de sustentabilidade, que asseguram o conforto dos usuários, utilizando a mínima quantidade de recursos. Os conceitos primordiais do projeto são: integração espacial, inclusão social, criação de uma forte Imagem Urbana (figura 02), implementação de uma arquitetura bioclimática e ambientalmente sustentável (MAZZANTI, 2014).

A escola chama a atenção dos moradores do entorno não apenas por sua proeminente localização, mas por seu partido arquitetônico pouco usual, que articula três volumes de planta hexagonal - cada um com uma saliente estrutura em balanço e um pátio central - com uma original torre, cuja função é a de um pergolado: conformar o espaço e gerar sombra. Cada um dos anéis vê uma de suas faces avançar, em balanço, por sobre o monte, onde ficam as salas com usos especiais, como artes e música. Suas enormes janelas reafirmam uma conexão visual com a cidade ao longe (figura 03) (SIQUEIRA, 2014).

Figura 02: Relação colégio e comunidade
Fonte: Fundación Pies Descalzos (2014)



Figura 03: Formato hexagonal do colégio
Fonte: Gomez (2014)



Enquanto os contornos hexagonais constroem uma circulação perimetral e acolhem o programa específico das salas de aula, os pátios cobertos por um pergolado tridimensional com estrutura metálica coberta por ripas de madeira laminada, dispostas em diferentes ângulos, são semeados com diversas espécies de árvores e vegetação arbustiva tropical e nativa, conformando um microclima que permite caracterizar ou sugerir as atividades que neles aconteçam. A imagem projetada é a de uma arquitetura de apropriação, leve e tranquila (MAZZANTI, 2014).

Com 14 mil m² construídos, o colégio abriga 49 salas de aula para educação infantil, ensino fundamental e médio e formações técnicas, além de salas especializadas, biblioteca, auditório/refeitório e áreas esportivas (MAZZANTI, 2014).

A estrutura metálica coberta por ripas de madeira laminada volta a aparecer na vedação lateral de todo o conjunto, fazendo com que vistas permeiem o ambiente escolar, na forma de brises verticais, que ora são encontrados sozinhos, assumindo o caráter de um gradil, ora são associados com panos de vidro na delimitação de salas de aula e outros espaços internos. A pérgola e os brises integram uma mesma estratégia de controle passivo da térmica do edifício: as peças de madeira criam sombra sem interromper o fluxo da ventilação natural (SIQUEIRA, 2014).

É adicionado ao conjunto de hexágonos, segundo Mazzanti (2014), uma área de salas multiuso e de serviços esportivos relacionados ao colégio que são interligados por uma ampla praça de acesso e acolhimento relacionada aos três pavimentos do projeto.

A área da pré-escola está situada de maneira autônoma e em um só pavimento com um pátio independente dentro de um hexágono menor. Dessa forma, a biblioteca possui autonomia necessária

para ser útil a toda comunidade, fora do horário escolar, por isso, se utiliza a vantagem do hexágono isolado em um segundo nível e com acesso direto pela parte exterior do colégio (MAZZANTI, 2014).

Pode-se concluir que o projeto abraça o entorno incluindo acesso pela comunidade e pelos estudantes e outro somente pelos estudantes. O projeto deixa zonas abertas, públicas e estratégicas nas áreas de conexão com o bairro ao redor.

Mais do que um colégio isolado, é um projeto urbano que promove novas centralidades setoriais com os novos equipamentos, a partir da biblioteca, quadras e as salas multiuso como apoios às atividades do bairro.

6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

Para conhecer o funcionamento real do tempo integral, foram feitas entrevistas semiestruturadas em todas as escolas que funcionam em tempo integral na cidade de Manhuaçu, localizada na zona da Mata Mineira, cidade visada para implantação do objeto de estudo. No total, foram seis escolas, todas pertencentes ao ensino público, sendo duas estaduais e quatro municipais. Será mantida a confidencialidade dos entrevistados por questões éticas.

A entrevista foi elaborada de acordo com as análises feitas após a revisão de literatura, em que se identificou a importância da atribuição de novas tarefas, mais equipamentos e atividades diversificadas, articulando escola e instituições diversas, pretendendo propiciar experiências múltiplas e fora dos padrões da escola tradicional. Buscou-se verificar como os entrevistados das escolas vêem o espaço físico como influência direta no aprendizado dos alunos e quais atividades são realizadas no tempo integral.

Para iniciar a entrevista, foi perguntado se o aluno é estimulado a viver melhor, com padrões mais razoáveis de vida familiar e social e assim promovendo o progresso individual e criando hábitos de leitura, estudo e meditação através do espaço escolar, 100% dos entrevistados afirmaram dizendo que o ambiente escolar por si só já traz ao aluno subsídios para que ele desenvolva capacidades para que possibilitem seu desenvolvimento pessoal e social criando nele capacidade de se perceber como agente ativo e participativo no meio em que se vive.

A respeito do planejamento do ambiente escolar para a implementação do tempo integral nas escolas, todos os entrevistados negaram dizendo que a criação do projeto de tempo integral na Educação Infantil partiu de uma necessidade em acolher as crianças de creche para possibilitar aos pais o direito de trabalho e melhoria na renda familiar; assim sendo, a estrutura para este tipo de projeto não foi pensada, uma vez que sua criação estava com a atenção voltada para outra finalidade. Sendo que duas das escolas funcionam em imóveis alugados e as outras quatro foram projetadas para escolas de ensino tradicional, as quais não modificaram nada em seu espaço físico para o novo funcionamento, as adaptações necessárias são feitas ao longo do tempo diante das necessidades e das dificuldades que vão sendo apresentadas.

Quando questionados qual a pedagogia adotada pela escola, todas colocam em prática o construtivismo, onde o aluno constrói sua própria aprendizagem com base nas suas relações com a realidade em que está inserido, como diz Rezende (2000).

Em relação aos educadores da escola visualizarem as relações e trocas do aluno com o ambiente como sendo fundamentais para o desenvolvimento educacional, foi respondido sim em todas as seis escolas, o professor trabalha como facilitador e mediador do conhecimento, respeitando a cultura e os saberes que cada aluno traz consigo e, mesmo dentro do limite de cada espaço, eles elaboram atividades em espaços diferentes a fim de despertar o interesse dos alunos.

Quanto às salas de aula, ambientes de funcionamento das oficinas e esportes, mobiliário adequado, materiais para os alunos, localização da escola, vizinhança, todos responderam que falta muito para se chegar ao espaço físico adequado para atender a todos esses quesitos juntos, pois não atendem os padrões para essa modalidade, tornando a educação do aluno limitada, assim, os espaços de todas as escolas precisam de ajustes para serem acessíveis e adequadas às atividades diferentes do tempo integral, principalmente as duas escolas que funcionam em casas alugadas, em que o local é bem reduzido; faltam materiais e mobiliários adequados para as oficinas e salas de aula e a iluminação e acústica são precárias (figura 04); uma escola possui vistas estimulantes para o aluno; equipamentos novos em todas essas escolas são essenciais, mas somente uma apresenta condições adequadas com os equipamentos atuais (figura 05); todas as escolas estão bem localizadas de acordo com a comunidade que atendem e a vizinhança tem espaço dentro das escolas para participar das oficinas e de cursos.

Figura 04: Sala sem iluminação e espaço adequados

Fonte: Acervo próprio



Figura 05: Sala de aula com condições adequadas

Fonte: Acervo próprio



Os entrevistados alegam que esse projeto precisa sair do papel, pois a prática é muito diferente da teoria, mas caminham para alcançar esse objetivo. Somente em quatro escolas há oficinas e espaços destinados para estas, funcionando capoeira, aula de música, dança, informática (figura 06), reforço para as atividades, trabalhos com a natureza (figura 07) e manuais, informática, jogos e atividades que trabalham com o corpo da criança, para que eles tenham noção de espaço. Tais atividades favorecem a exploração e a experimentação, estimulam o inventar, a criatividade e o pensar do aluno e integram os diversos campos do conhecimento, ideia defendida por Azevedo (2002), que fala que o ambiente escolar deve incitar a imaginação e a curiosidade da criança, assim com as atividades que estimulem a coletividade; e também Pereira e Vale (2013), que defendem que, na escola integral, são necessárias práticas de aprendizagem que estimulem o pensamento e a expressão de ideias, a fim de que o estudante possa ver-se estimulado e curioso. Nas outras duas escolas, como não há espaço e/ou investimento para melhorias, os alunos permanecem somente em sala de aula o dia todo, sem ter contato e elaboração de atividades crativas.

Figura 06: Aula de informática

Fonte: Acervo próprio



Figura 07: Alunos em canteiro

Fonte: Acervo próprio



Foi perguntado se as áreas públicas são incorporadas ao ambiente escolar e somente quatro das escolas utilizam clubes, nascente do rio Manhuaçu, piqueniques, entre outras atividades para complementar o ensino escolar, as outras duas escolas dizem não ter transporte adequado para locomover seus alunos para outros espaços, utilizando assim somente os pátios dentro da escola e, às vezes, uma quadra fora da escola, mas sem espaços diferentes para despertar o interesse do aluno. As escolas que incorporam outros espaços ao escolar, reforçam a ideia de Azevedo (2002), que diz que gera ambientes menos rígidos e também a ideia de Pereira e Vale (2013), que afirmam que tal integralização destitui a imagem de nicho que é comum às escolas, através de projetos e programas que busquem o resgate histórico, cultural e social que integrem a escola, a comunidade e seu entorno.

Quando questionados se a direção da escola reflete sobre a qualidade do ambiente construído para responder às demandas educacionais dos alunos e criar o contexto adequado, confortável e estimulante para uma produção acadêmica expressiva, em todas as escolas foi respondido que sim, pois as dificuldades são diárias e a cada dia pensam uma maneira de buscar

mais conforto e acolhimento para os alunos e recursos que ajudem a contemplar a carência que eles têm; porém, nas escolas municipais, foi ressaltado que falta investimento, manutenção e valorização por parte do governo para o tempo integral atender melhor aos alunos, tendo como consequência a falta de monitores, segurança, equipamentos e materiais e, até mesmo, um projeto de escola adequado. Assim, alegaram que continuar com os mesmos ambientes da escola tradicional não dialoga corretamente com a proposta do tempo integral, que como Cavaliere (2009) define, a escola de tempo integral e aluno em tempo integral são como um fortalecimento da unidade escolar, que necessita de mudanças em seu interior e atribuição de novas tarefas, mais equipamentos e atividades diversificadas, propiciando experiências múltiplas e fora dos padrões da escola tradicional. A autora ainda ressalta que a ampliação do tempo é uma forma de se obter melhores resultados de ensino de acordo com as necessidades das famílias dos alunos e para exercer a real função da escola como formadora de indivíduos.

Em relação aos espaços para exposição e apresentação das atividades desenvolvidas nas oficinas pelos alunos, foi levantado que, em todas, há espaços destinados para tal finalidade, são espaços multiusos e com apresentações que envolvem tanto a família quanto a escola, mas tais espaços também são restritos e/ou misturados com outros tipos de usos, sendo necessário um local adequado para essas exposições para que se tenha um melhor aproveitamento.

Concluindo a entrevista, foi perguntado se no ambiente atual, existe alguma ideia de melhorias para o espaço escolar. As duas escolas que funcionam em espaços alugados disseram que necessitam de um projeto de uma escola nova para atender aos alunos adequadamente e realizar o tempo integral assim como ele deve ser, com espaços para esportes, salas multiuso, salas amplas para aulas e oficinas, espaços para recreação, ou seja, que tenha um uso e aprendizado diferentes na escola e que possam ter condições de integrar outros espaços ao ambiente escolar. Já nas outras escolas foi respondido que é necessário fazer adaptações como acessibilidade, colocando rampa ou elevador, reforma de parquinhos, salas novas para oficinas, melhorias nas quadras, novos laboratórios de ciências e informática. Essas opiniões reforçam a ideia de Azevedo (2002), que considera que, quando a edificação é tratada para acentuar a interação entre o usuário e o ambiente, ela assume um papel mais participativo no processo pedagógico, uma vez que a interação com o espaço é um importante passo para o desenvolvimento do ensino.

Os dados levantados com a realização das entrevistas apontam que o ensino em tempo integral não é colocado em prática como posto em lei, mas em todas as escolas foi observado que há a busca de uma escola de qualidade que contemple não só o conhecimento científico, mas também o desenvolvimento humano, a cidadania e o bem estar, lutam por um mundo melhor, em que o ser humano aprenda a se ver como agente construtor do meio que se vive e, mesmo diante das limitações, está em prol de traçar metas e unir esforços para conquistar esses objetivos e defende que o tempo integral, com os projetos de melhorias, pode contribuir significativamente para o aprendizado dos alunos. Além disso, a arquitetura escolar é deixada de lado em todas as escolas, falta organização, cores, mobiliários adequados e não é estimulante, elementos que são essenciais para uma escola, como defende Azevedo (2002), que afirma que a produção de uma arquitetura escolar de boa qualidade está relacionada a diversos aspectos construtivos e arquitetônicos que promovem a melhor adequação e o desempenho dos ambientes, que têm a capacidade de interferir no bem-estar e no desenvolvimento do usuário, que são condições de desempenho dos espaços atrelados à sua funcionalidade, de acordo com as finalidades a que são destinados, sendo composto pela organização espacial, dimensionamento dos conjuntos funcionais, acessibilidade, segurança, adequação ergonômica do mobiliário; elementos visuais que têm a capacidade de transmissão de mensagens e significados distintos aos usuários, resultando na estimulação dos sentidos destes; texturas, cores, tipos de superfícies, padrão construtivo, formas, proporções, símbolos e princípios compositivos; e as características físicas da edificação, seu padrão construtivo, a qualidade dos materiais e acabamentos, assim como as características de conforto ambiental.

7 CONCLUSÃO

O estudo mostrou a implantação do sistema integral de ensino público, tanto relativas ao espaço físico, quanto relativas às formas de aprendizagem, conciliada com a visão dos entrevistados sobre o desempenho das escolas e, com os exemplos citados em estudo de caso, busca-se propor uma escola com um novo uso do espaço físico.

Afirma-se que o espaço físico escolar é papel fundamental para o desenvolvimento do processo de ensino, caracterizando-se assim como suporte (à medida que abriga a instituição) e material para o processo pedagógico. Dessa forma, o espaço físico deixa de lado sua posição de neutralidade, que não compromete ou prejudica uma dinâmica educacional, para assumir um papel

mais participativo nesse processo. Deseja-se que o prédio escolar, além de abrigar confortavelmente seus usuários fornecendo condições adequadas de segurança e de conforto ambiental, interaja com eles, participando de seu aprendizado.

Através do estudo de caso, pode-se observar que é possível integrar a comunidade ao ambiente escolar e ter variedade de espaços que enriquecem a escola. Ainda é possível concluir que a escola não deve ser um espaço ocioso quando não utilizada para aulas, podendo conciliar a prática educacional com participação comunitária, processo em que ocorre uma troca de aprendizagem. Todos os espaços da escola são espaços pedagógicos, corredor, transições, dentro e o fora, tudo é lugar de ensino.

A visão de cada entrevistado vem confirmar todos esses aspectos levantados e que, apesar da falta de investimentos na educação e de o projeto de tempo integral ser implantado como uma necessidade de acolher as crianças de creche para possibilitar aos pais o direito de trabalho e melhoria na renda familiar e os espaços das escolas serem adaptados às suas realidades específicas, o profissional de cada escola tem muita expectativa de melhorias, acreditando que muitas das mudanças serão propiciadas por sua maior capacitação e esperança de melhorias por parte do Governo.

Portanto, pode-se afirmar que a escola de tempo integral tem sido implementada de forma desordenada atualmente, mas levando em conta seus reais objetivos, pode vir a ser mais do que um projeto, pode se tornar um verdadeiro movimento revolucionário, pois nos leva a repensar e a redimensionar o teórico, o político e o pedagógico, dando um novo significado a função social da educação e da instituição escolar.

8 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Arquitetura Escolar e Educação: Um Modelo Conceitual de Abordagem Interacionista. 2002. 208f. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Produção) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.fau.ufrj.br/prologar/assets/g_arteiro.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2016.

CAVALIERE, Ana Maria. Escolas de Tempo Integral versus Alunos em Tempo Integral, 2009. Disponível em: <http://www.maxima.art.br/inicio/arquivo/Texto_-_Ana_Maria_Cavaliere.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2016.

FERREIRA, Cássia Marilda Pereira dos Santos. Escola em Tempo Integral: Possível Solução ou Mito na Busca da Qualidade?. 2007. 149f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20FERREIRA,%20Cassia%20Marilda%20Pereira%20dos%20Santos.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220p.

GONÇALVES, Luís Felipe. Escola Parque Samambaia. 2014. 63f. Trabalho de Conclusão do Curso (Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7919249-Escola-parque-samambaia.html>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

KOWALTOWSKI, Doris C. C. K. Arquitetura Escolar: O Projeto do Ambiente de Ensino. São Paulo: Oficina de Textos, 2011. 272p. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=Qa26BAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

MAZZANTI, Giancarlo. Colégio Pies Descalzos / Giancarlo Mazzanti, 2014. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/734163/colegio-pies-descalzos-giancarlo-mazzanti>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

PEREIRA, Marcos Paulo Torres; VALE, Fábio Freire do. Educação Integral e Integrada – Novos Tempos, Espaços E Oportunidades Educativas, 2013. Disponível em: <<http://www2.unifap.br/marcospaulo/files/2013/05/EDUCA%C3%87%C3%83O-INTEGRAL-E-INTEGRADA-%E2%80%93-NOVOS-TEMPOS-ESPACOS-E-OPORTUNIDADES-EDUCATIVAS.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

REIS, Fernanda Elias dos. Estado e Mercado na Política Educacional Brasileira: Uma análise do Programa Mais Educação e da educação em tempo integral. 2014, 99 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Profissional em Saúde) - Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <<http://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/8584>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

SIQUEIRA, Mariana. Colégio com projeto de Giancarlo Mazzanti promete ativar o entorno de comunidades carentes em Cartagena, Colômbia. 249. ed. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/249/colegio-com-projeto-de-giancarlo-mazzanti-promete-ativar-o-entorno-333974-1.aspx>>. Acesso em: 30 abr. 2016.

SOUZA, Adilson Severo de Souza. Os Desafios da Ampliação da Jornada Escolar em Duas Escolas da Favela da Rocinha – Rio De Janeiro (RJ). 2015. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <<http://www.educacao.ufrj.br/ppge/dissertacoes2015/dadilsonseverodesouza.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

ZEBINI, D. 'O que é Educação Integral?', 2014. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/educacao-integral-624287.Shtml>>. Acesso em: 21 fev. 2016.